

O estado fronteiroço no processo de criação de uma artista e *stylist*

Thais Graciotti (Design de Moda /Centro Universitário Belas Artes São Paulo)

RESUMO

Passagens por uma coleção de pensamentos, ou simplesmente “fragmentos”, sobre o estado fronteiroço no processo de criação de uma artista e *stylist*. Em uma estrutura diarística, evitando a submissão à cronologia, para manter em aberto a possibilidade do aleatório na leitura, este texto trata-se de uma reflexão sobre arte e moda, não só como áreas que dialogam e se entrecruzam, mas sobre o lugar de criação no trânsito entre ambas.

Palavras-chave: processo de criação, styling, arte

The border state in the creation process as an artist and stylist

ABSTRACT

Passes through a collection of thoughts, or just "fragments" on the state border in the process of creating of an artist and stylist. In a diary structure, avoiding submission to chronology, to keep open the possibility of random reading, this text it is a reflection on art and fashion, not only as areas that intersect and dialogue, but on the place of creating traffic between them.
Keywords: creation process, styling, art.

O estado fronteiroço no processo de criação de uma artista e *stylist*

À sua maneira este texto é muitos textos, mas é, sobretudo, dois textos¹. O leitor fica convidado a experimentar rotas por duas leituras desprendidas de cronologia. Como em um provador sem espelhos, tateando suas escolhas e

¹ Parafraseando Julio Cortazár em seu livro *O jogo da amarelinha*.

trocas, o leitor deve-se permitir às descombinações, ou mesmo, às tangentes ao acaso. Aqui a proposta é o caótico, trocar tudo de lugar, se misturar entre os fragmentos que a todo o momento se bifurcam. Passagens sobre o estado fronteiriço de criação no trânsito entre o styling e a arte.

\

11hs. Reunião com a equipe. Como sempre, já trocamos algumas informações por telefone do que eles andam pensando e eu, sempre afoita, já coletei imagens aos montes pelos cantos e frestas de universos inspiradores. Todos se juntam, e na correria do dia a dia, alguns de cada equipe acabam não indo. Mas todos se colocam como figuras importantes ao longo do processo.

Colocamos as novidades em dia, e eles sempre desviando para responder alguém ou algum telefonema com rostos apreensivos sobre atrasos na entrega ou erro na cor. Fico só observando, já acostumada com esse momento de entrar no jogo em plena partida. Todos a mil por hora e eu só acompanhando o movimento de funcionamento deles para entrar em campo com o mesmo fôlego.

Idéia de todo lado, referências mil. Um lembra do último filme do Spike Jonze, outro traz uma revista com detalhes de tonalidades de cores, que já me remete a um artista que usa a linha como linguagem em seus trabalhos. No meio disso tudo, o material papel surge como assunto para uma conversa. Muita imagem e memória de imagem. A sala naquele dia tinha flores, brancas em vasos de vidro. Fotografo tudo que o olhar alcança. As paredes se dividiam entre desenhos, fotografias, texturas, estampas, fotos de flores, recortes de tecido, e algumas palavras-chave, pelos cantos e pelo ar para irem guiando o conceito até torná-lo real. Papel, selo, passarinhos exóticos que pareciam saídos de algum desenho botânico, escrita à mão, papel manchado, tempo, memória, frescor.

Sim, primavera, verão. Mudando tudo. A conversa, no entanto, sempre começa com um sussurro do passado, levemente o que não deu certo, e o que ficou interessante. Ok, vamos lá.

//

Começo em trânsito. Desejo de deslocamento para compartilhar com o outro uma conversa confusa, equivocada mesmo, mas que mude algo, que inverta, converta, substitua, transforme, troque, toque. Um escambo de si, uma troca com o outro e mim mesma. Um t(r)ocar.

Jogo-me de corpo inteiro em uma rota sem bússola, sem certezas, mas na busca de uma troca, seja ela qual for, em suas mais variadas formas. Espero o inesperado, mas vou, para ver, registrar e sentir o processo dessa troca ainda em esboço de desejo, mas cheia de vontade de trocar e tocar novos diálogos com o corpo, com a roupa e o outro. Seja lá quem for que queira entrar nesse provador sem espelhos, sem cortinas e com fôlego para desapegos, pois as trocas nem sempre são simétricas, às vezes não se recebe de volta o que se dá, ficando completamente desconcertada na nudez da solidão. A troca pode ser uma substituição por outros caminhos, até mesmo um rasgo daqueles sonoros, estridentes, de roupa apertada que é inadequação no próprio corpo. Por isso já aviso: é de se entregar.

Deixo-me levar com olhos difusos, tateando o sensível para manter os botões desabotoados e a costura frouxa para intervenções que ainda virão. Impulsionada por lembranças flutuantes, escolho um recorte do mapa onde há resquícios de encontros outrora intensos.

///

Mergulhada em tecidos, imagens e anotações de uma memória que tenta escapar a todo o momento, vou começando a esboçar um caminho. Cor, sempre me ajuda a organizar tudo. No começo, no meio ou no final, a cor orienta tudo. Enquanto isso, ao navegar vou encontrando afinidades, a rede vai tecendo rotas que sugerem histórias. Ligo para fornecedores de “passarinhos de mentira”, e enquanto caminho pela cidade não paro de pensar em uma exposição que vi há uns 4 meses, que tinha uma foto... Para os pés eu ainda não sei, geralmente a ideia me vem ao final. Aguardando ela chegar enquanto corro e vou costurando informações.

Nos encontramos de novo. Muito mais focados, principalmente eu, que já chego com propostas diversas, possibilidades para cada detalhe que eles

aguardam ansiosos. Não é por menos, trata-se do complemento à etapa final de tudo que eles criaram até agora. Por isso mesmo, sabem muito bem o que querem. Adorei isso. Acho que esse não funciona, ninguém gosta no final. Esse aqui com isso. Hum, acho que não. Que você acha disso? Impossível de conseguir até semana que vem (sim, menos de uma semana!). Dificuldades e decisões. Agora é comigo.

Tudo discutido, emprestado, criado, produzido. Volto. Edição ou, como num filme de ação, o subtítulo: “A escolha final”. O olhar sagaz – depois de mergulhos profundos em pesquisas de universos diversos - agiliza o movimento de decisão. Dentre tantos, separados por detalhe, tema, tipo, cor, vou aos poucos me adentrando e recriando histórias a partir das confabulações iniciais. Vou misturando, sobrepondo aqui, dobrando ali, e a foto da exposição de 4 meses sempre na cabeça como ajuda para organizar as cores. Combinar e principalmente, *descombinar*, os elementos criados e produzidos na correria de uma semana. Imagens que acompanham desde o início, agora organizadas, e sempre à mão ou à vista, lembram rotas premeditadas, embora sempre haja a necessidade de tomar a tangente em um determinado momento. Os desvios são parte do processo, o acaso é presença garantida.

////

Num estado de transitoriedade, o encontro. Pessoas vão surgindo na paisagem vertiginosa, amigos de amigos, conhecidos e desconhecidos. Sutilmente a intimidade toma conta.

A intenção é de desorientação. Sem muitas explicações sobre a proposta da ação, busco uma provocação ao outro, para que se efetuem possibilidades múltiplas e imprevisíveis na incerteza que permite aberturas. Um pouco da minha sensação de trânsito neste outro que se permite às trocas.

Deslocar de meu lugar geográfico e de pensamento para experimentar e perceber de outras formas, a partir de outros lugares, como o outro, com o outro e o outro. Não ser um intermédio, nem produtor, nem inventor de uma ideia, muito mais um provocador, potencializar espaços de discussão através desse deslocamento desconstrutivo.

O convite aos corpos dispostos a se reinventar tem a ver com a aparência e a roupa, como dispositivo que aciona os múltiplos sentidos do trocar. Um styling desconcertante que desafia pensar a roupa em suas dimensões relacionais e instaurar novas sensibilidades ao desdobrar os sentidos do vestir diário, assim como o poder de vestir o outro. O trocar como aproximação do intercâmbio, da permuta, da mudança, da inversão, do caótico.

A sugestão é trocar a partir da roupa e do(s) outro(s). Desconstrução e reconstrução é a proposta para a ação, mas a troca deve ter o ritmo e o tempo necessário de cada um; vamos sentindo juntos.

A ação começa. Pequena em minhas mãos, a câmera torna-se quase imperceptível no ambiente - embora perceptível aos min-s de cada um -, se não fosse minha presença ali, meu corpo próximo ao deles, mas que logo percebo também fazer parte da ação, mesmo que sejam eles no comando e eu em silêncio absoluto. Mas por vezes sou eu quem troca do lugar do *voyeur* para a ação do trocar.

O repetir constante torna a ação confortável, ajuda a sintonizar os corpos, mesmo que fora de ritmo. A troca efetua-se então como processo, um ensaio infundável de si que nunca é o mesmo ao voltar do começo. Talvez por isso, o desejo de continuar e continuar e continuar...

////

Exercício de lógica, ordenar e não ter problemas com a repetição em alguns momentos. Lista para tudo, para frente, para trás, quem vai com o que, como e quando. Entradas e saídas. Tempo de ida, tempo de volta. Respeitar a continuidade da temática que se impõe como organização para o todo. Organizar ou desorganizar, o importante aqui é a leitura do outro ao final.

Hora da troca. Tenta esse. Melhor essa aqui. Acho que com ela é melhor. Muda tudo, volta pra lista, reordenar. Tentativa de alcançar o tempo, medo de não conseguir. É tanta experimentação que não adianta, sempre algo é esquecido, ou, ui, não deu. Troca. E o tempo? Foi! Foi? Foi, começou. Detalhes até o último milésimo de segundo. A música da frente embala a

correria dos fundos. Gritaria, nervoso. E como num piscar de olhos, terminou. No embalo da adrenalina, abraços, beijos, palmas, gritos, parabéns para todos. Nunca vejo o resultado final nesse caso, somente dias depois, no registro desse momento fugaz. Fazer parte do processo tem esse porém. Enquanto guardam tudo em questão de minutos, vou tentando digerir, mas sempre me atendo às falhas. Atenção ainda é necessária, porque vem mais em breve.

/////

Os olhos aos poucos se acomodam ao volume do movimento das roupas em movimento. As formas se fluidificam e atravessam a parede invisível entre um e outro, lá e cá, dentro e fora. Numa troca de singularidades que não se esgotam, busca-se a contaminação do outro em si.

Os corpos desaconchegados compartilham sua memória com a saia, com a blusa. O vestir sopra singularidades de um momento que se deseja constantemente significar. A roupa é desenhada e redesenhada no corpo e pelo corpo, onde formas se subvertem para criar novos sentidos dessas vivências em processo, novas aberturas às experimentações em sua maior potência, por meio da sua própria roupa e a do outro.

Camadas surgem a cada botão desabotoado, no zíper que abre, dando a sensação de que se trata de lugares estranhos, que se vê pela primeira vez e, no entanto, deixam uma memória que tenta recuperar vazios esquecidos.

O cheiro, o ruído da roupa estranha. Movimento que promove outro movimento, rastros de si num corpo outro. Quando tocado por outra presença em seu corpo, a ausência de si transforma-se no diálogo de uma mistura que não tem mais volta.

Por vezes a sincronia entre um corpo e outro se quebra. Culpa da respiração. O cheiro, a sensação não da pele, mas da roupa-pele que é casca, é fora, e agora atravessada por intensidades infinitas, se confundem entre a pele e a roupa. A consciência corporal da experimentação adequa a roupa a partir dos movimentos sutis. Desconforto. As peças chegam sem recusas e, por medo de não encontrar um lugar certo, logo se descobre na ajeitação, sujeitação/sujeição da mão do outro o desajeitado do inesperado.

Nesse labirinto sensível formado por cavas, bainhas, tecidos, golas, uma verdadeira meada de difícil desenredo, há o embaraço em meio a caminhos que pedem por vezes a repetição e, por outras, a pausa em passagens sem saída. Trata-se de um desprendimento de si mesmo para com composições já conhecidas. O mapeamento da rota a seguir se faz na ação, no durante, e não há caminho privilegiado, todos são desvios. Ainda que algumas passagens sejam estreitas e outras sem escapatória para o pedaço de corpo que passa por um buraco de manga-ruela, uma gola-beco ou uma saia-rodovia. E mesmo no acaso das rotas sem saída, há sempre uma consciência sensível de que é da ordem da experimentação parte do itinerário dessa viagem em que se compartilha com o outro a direção por caminhos que exigem errância e confiança na diferença.

A vulnerabilidade também faz parte desse trocar. Em uma nova textura sensível, a ausência de um lugar fixo. A transparência dos corpos ressalta o excesso de exposição de suas camadas e extratos de universos subjetivos que, por consequência, provoca a estranheza de si mesmo e desse corpo que o invade. Mesmo trocando parcerias, há o medo de esvaecer em meio a tantas reconfigurações. Mas é impossível domesticar esse estranhamento.

///////

Fotos espalhadas na mesa. Eu tiraria esse, esse, e esse. Isso funcionou, isso pode ser menos. Que vocês acham, ela pergunta. Todos reunidos de novo. Agora é mais rápido, já está tudo bem delineado. É tirar e colocar, continuando a configurar a história que criamos. Só que agora é muito mais, é de ficar zarolho. Cuidado para não ter a sensação de repetição e se perder no discurso que está a criar. Mas o olhar já está bem treinado, os movimentos são mais rápidos e decisivos. “A escolha final II” se faz com memória recente, entrosada no enredo desse capítulo final.

Um dia eles, um dia elas. Horas até começar. Cada equipe cuidando de sua particularidade para que o todo aconteça. Fotos-mapas pelas paredes para organizar o caminho a seguir, mas, principalmente, por uma questão de tempo e agilidade. Começamos. Sempre algo muda de lugar ou é reconfigurado de alguma forma. Um depois o outro. Confere, troca isso por aquilo, faz uma

opção com e uma opção sem, e assim vai o dia. Quando acaba, alívio de fim de trabalho, satisfação por realizar em conjunto. Tempos depois, chega pelo correio em papel. Sempre me surpreendo, a impressão traz o real, no concreto, no acabado. Orgulho de um pedaço meu ali, e lá, com eles também. Mas não acabou. Daqui a alguns meses recomeçamos. Recuperou o fôlego? Até lá.

////////

É um desafio pensar o corpo em suas dimensões sensíveis, encarar mutações para então inventar novas possibilidades de trocas. Mesmo que tenha que se deixar escapar na assimetria da diferença desse outro que por vezes somos nós mesmos. Buscar tangentes, encontrar ou reencontrar o máximo de conexões possíveis requer toda uma ginga para mergulhos em experimentações sobre si mesmo e sobre a distância que nos separa.

Referências

BARTHES, Roland. **Incidentes**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita: A palavra plural**. São Paulo: Escrita, 2001.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Globo, 1997.

CALVINO, Ítalo. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.

DARDOT, Marilá. GUIMARÃES, Cao. **Correspondências**. in: Criação e Crítica. Org. Glória Ferreira e Fernando Pessoa. Vila Velha: Museu vale; Rio de Janeiro: Suzy Muniz Produções, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. v.4**. São Paulo: Editora 34, 1997.

MESQUITA, Cristiane. Ziguezague: Dobras. **Revista Dobras**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 48-50, 2009.

MORAIS, Fábio; DARDOT, Marilá. **Conversas: blá blá blá**. Florianópolis:
Par(ent)esis, 2009